

AS MÁSCARAS DO BRASIL NAS CRÔNICAS DE GRACILIANO RAMOS

Rita Olivieri

*Profª de Teoria da Literatura do Dep. de Letras e Artes
Doutora em Teoria Literária e
Literatura Comparada pela USP*

RESUMO – *Este trabalho focaliza alguns aspectos da representação da realidade brasileira nas crônicas de Graciliano Ramos publicadas em Linhas Tortas e Viventes das Alagoas, evidenciando a visão dialética do autor no tratamento das relações entre o arcaico e o moderno.*

ABSTRACT – *This study presents some aspects of the Brazilian representation in the chronicles by Graciliano Ramos, published in "Linhas Tortas e Viventes das Alagoas". It emphasizes the author's dialectic view in the treatment he gave to the relationship between the archaic and the modern ideas.*

Os trabalhos consagrados à análise da obra de Graciliano Ramos (1892-1953) privilegiam seus romances, contos e memórias, ignorando, de uma maneira geral, suas crônicas, sempre ofuscadas, principalmente pelo brilho dos textos tradicionalmente publicados como romances. Mesmo durante as atividades de comemoração do centenário de nascimento do escritor, programadas pelas diversas universidades brasileiras em 1992, a tônica continuou sendo a da discussão do Graciliano romanista, memorialista e contista. Os contos do autor, considerados por alguns críticos e estudiosos de peso da Literatura Brasileira como "accessórios da sua obra", tiveram a sua importância resgatada pela crítica. O mesmo, porém, não se pode afirmar em relação às crônicas que, se não foram esquecidas totalmente, não despertaram a atenção que esses textos mereceriam.

Este ensaio pretende ser uma reflexão acerca das crônicas reunidas em *Linhas Tortas e Viventes das Alagoas*, publicadas postumamente em 1961, enfocando a leitura que Graciliano faz da realidade brasileira. Num estilo simples, marcado por uma ironia mordaz, Graciliano revela-se um arguto observador do homem e da sociedade brasileira, apontando suas contradições, denunciando suas fraquezas e refletindo sobre seus verdadeiros valores. O relato de fatos aparentemente anódinos encobre, na verdade, a busca incansável daquilo que se constitui, para Graciliano, a essência da realidade brasileira. Decorre, daí, a espantosa atualidade dessas crônicas que conseguiram burlar o caráter circunstancial que em geral caracteriza esse gênero literário.

Linhas Tortas, publicado no Rio pela Martins Editora, em 1962, compõe-se de duas partes. A primeira inclui as crônicas de 1915 que tinham sido publicadas no *Jornal de Alagoas*, de Maceió e no *Paraíba do Sul*, de Paraíba do Sul, Rio de Janeiro, agrupadas sob o título de 'Linhas Tortas'. Dessa primeira parte consta também 'Traços a Esmo', conjunto de crônicas publicadas em 1921, no jornal *O Índio*, de

Palmeira dos Índios, Alagoas. Dirigindo-se ao leitor em uma dessas crônicas, Graciliano previne-o:

Não esperes, pois, encontrar nestas crônicas coisas transcendentais. A profundidade assusta-me e é muito provável que te assuste também a ti, leitor amigo. Fiquemos calmamente à superfície.¹

Por trás dessa "superficialidade" anunciada por um estilo que rejeita radicalmente um discurso grandiloquente e pretensioso, o que se descortina é um mosaico amplo e complexo dos mais variados aspectos da cultura brasileira, filtrado pela ironia ferina do autor. Aos poucos vamos construindo a imagem de um Brasil que se revela nas análises perspicazes das manifestações coletivas de seu povo (futebol, carnaval, Semana Santa) ou na sua forma de expressão literária e artística, ou ainda no hábil exame de determinados caracteres individuais.

Na segunda parte de *Linhas Tortas*, predominam textos que se aproximam muito mais do gênero literário ensaio do que propriamente da crônica. Existem verdadeiros ensaios críticos sobre a produção literária de escritores, como, José Lins do Rêgo, Raquel de Queiroz, Jorge Amado, Mário de Andrade, Oswald de Andrade, para citar apenas os mais célebres. Todos esses textos têm uma importância fundamental para a compreensão da obra de Graciliano Ramos, desde quando eles explicitam os pressupostos teóricos do autor sobre o fazer literário. A reflexão sobre o fenômeno literário abarca os seus mais variados aspectos, desde as questões relativas à própria criação da obra, até sua recepção pela crítica especializada e pelo público em geral. Despontam ainda alguns textos que se aproximam do ensaio de cunho sociológico, a exemplo de 'A marcha para o campo' e 'A propósito da seca'.

Essa tendência ao ensaio aparece também no volume intitulado *Viventes das Alagoas* que reúne crônicas escritas no período de 1941 a 1944, englobando textos que discutem, entre outros temas, a problemática do cangaço ('O fator econômico no cangaço', 'Lampião', 'Dois cangaços', 'Corisco'), o jogo do bicho ('O jogo do bicho, fator econômico'), as mazelas das secas e das enchentes em Alagoas ('Um desastre'), a decadência da aristocracia rural nordestina ('A decadência de um senhor de engenho'). Ao lado desses textos, *Viventes das Alagoas*, como o próprio título sugere, traz inúmeras crônicas que se dedicam a retratar pessoas e fatos predominantemente ligados à cultura nordestina. Esse volume inclui ainda os dois Relatórios que Graciliano Ramos enviou ao governador do Estado de Alagoas, na época em que foi prefeito de Palmeira dos Índios (1928-1929). O estilo irreverente e irônico desses relatórios, publicados no *Diário Oficial*, chamaram a atenção do poeta e editor Augusto Frederico Schmidt que descobriu, desse modo, o escritor Graciliano Ramos e foi o responsável pela publicação do seu primeiro romance *Caetés*, em 1933.

A força motriz das crônicas de *Linhas Tortas* e *Viventes das Alagoas* encontra-se na observação da realidade brasileira. O leitor, ao tentar reconstruir a visão que o autor esboça dessa realidade, percebe que ela se apresenta cindida entre o arcaico e o moderno. Impossível extrair, desses textos, uma imagem harmônica da realidade.

O questionamento da ordem aparente da sociedade brasileira revela uma cisão que se manifesta em todos os seus níveis, econômico, político, social, cultural e que se reproduz, evidentemente, na linguagem.

O conflito entre o mundo arcaico, marcado por relações pré-capitalistas, pela decadência do domínio agrário, pela simplicidade de sua forma de expressão, e o mundo moderno, onde predominam as relações capitalistas, a indústria, a tecnologia, está claramente colocado nas crônicas de Graciliano. Esse conflito tem suas raízes no contexto histórico brasileiro em torno de 1939, com a crise e a desagregação do domínio agrário e a ascensão dos centros urbanos. Alfredo Bosi, na sua análise da prosa dos anos 30-40, reconhece as marcas profundas do contexto histórico dos anos 30 na ficção que se produziu nesse mesmo período, fazendo ressurgir uma estética realista que, embora preservasse alguns princípios básicos do realismo do século XIX, tendeu a rejeitar o determinismo, em favor de uma "visão crítica das relações sociais".²

As crônicas de Graciliano Ramos revelam uma maneira singular de discutir a relação entre o arcaico e o moderno. Essa singularidade manifesta-se sobretudo na opção por uma perspectiva dialética dessa relação, recusando-se a adotar uma visão dualista presente na obra de outros escritores, como José Lins do Rego, por exemplo, onde os elementos do mundo arcaico sofrem um processo de mistificação e são elevados ao nível do ideal, contrapondo-se à degradação do mundo moderno. Nas crônicas de Graciliano, os aspectos positivos e negativos existem nos dois mundos, no campo e na cidade, no homem provinciano ou naquele que tem acesso à cultura cosmopolita:

Eu estava convencido de que o ambiente não exercia sobre um indivíduo alterações radicais. Um grande valor, sem dúvida. Mas não um valor absoluto. Não acreditava que os caracteres se pudessem transformar. Modificar-me, sim, perfeitamente; suprimir minha individualidade, não, isso eu não podia compreender. Um cretino que morasse na aldeia seria um cretino se se transportasse para a cidade, embora suas sandices tomassem nova forma. Um imbecil civilizado, mas um imbecil.³

O traço constitutivo da caracterização da realidade brasileira é a conjunção do estilo irônico com a seriedade da observação dos dados do real, expondo a antinomia que existe entre a verdadeira face da realidade e o seu aspecto exterior. Decorre daí a recorrência ao tema da máscara, nessas crônicas de Graciliano. O texto funciona como uma tela que reproduz por meio de imagens uma multiplicidade de cenas do cotidiano de um país que se oferece em espetáculo. Cabe ao espectador/leitor perceber que a imagem que lhe é apresentada está no lugar de uma outra que precisa ser descortinada:

O Brasil é um país fundamentalmente camavalesco. Palmeira é uma cidade essencialmente brasileira. Grande parte dos defeitos e das virtudes que no brasileiro se encontram, em geral, o palmeirense possui, em particular. Reproduce-se entre nós, em ponto pequeno, o que o país

em ponto grande produz.

A nação é um cinematógrafo; a cidade é um cosmorama. Menos que um cosmorama, talvez: um estereoscópio. Na essência, exibição de figuras. Coisas de ver, de mostrar, exposição de objetos bonitos.

Por cima e por baixo, o mesmo fenômeno, com diferença de gradações: estopa pintada de preto, a fingir casimira.

A pátria é um orangotango; Nós somos um sagüi. Diversidade em tamanho, inclinações idênticas. Imitações, adaptações, reproduções — macaqueações⁴.

Nessas linhas, Graciliano denuncia o processo de dominação exterior ao qual o Brasil está submetido e que se reproduz, a nível interno, na organização desigual de sua estrutura sócio-econômica. Palmeira copia o Rio ou São Paulo que por sua vez copiam as metrópoles européias: a dominação econômica impõe a dependência cultural. O que se critica aqui é a falta de autenticidade: o país se transforma num cenário e as pessoas em personagens. “Coisas de ver”, “Por cima e por baixo”, “no norte e no sul”, o país veste a máscara que Graciliano aos poucos vai retirando na sua investigação minuciosa da realidade brasileira. Graciliano coloca em evidência as mazelas da sociedade capitalista moderna, denunciando “o edifício da nossa civilização artificial”⁵ e o aguçamento do antagonismo entre a aparência e a essência.

O desprezo de Graciliano pelo mundo das aparências e dos estereótipos leva o escritor a criticar a imagem que os estrangeiros têm do Brasil:

Há algum tempo, certa senhora, na França (ou na Bélgica, por aí), derramou sobre nossa terra e nossa gente, até sobre nossos bichos, amabilidades excessivas, coisas bonitas, absolutamente francesas, mas despropositadas, algumas destituídas de senso comum. Sempre os exageros a respeito do Brasil.⁶

A leitura das crônicas de Graciliano Ramos nos mostra um Brasil que está distante das imagens estereotipadas do cartão postal, das imagens “para estrangeiro ver”. Graciliano rejeita os clichês sobre o caráter do povo brasileiro, assim como se recusa a fazer uma abordagem populista dos problemas sociais, valorizando o aspecto econômico e a questão da luta de classes na análise desses problemas. A representação do cotidiano brasileiro visa a revelar as suas “pequenas verdades”. Suas crônicas são um testemunho desse compromisso com a verdade, expondo a complexidade da nossa cultura que deve ser analisada “de baixo para cima”, segundo suas próprias palavras, num movimento que integre o popular e o erudito. Dentro dessa perspectiva, as inúmeras crônicas que discutem a produção literária da época, terminam por estabelecer um marco divisório entre a verdadeira e a falsa literatura, fundamentando-se, para isso, em alguns pressupostos teóricos da estética realista. Para Graciliano, a verdadeira literatura se recusa a oferecer aos seus leitores falsos cenários e falsos personagens. Ela rompe com a linguagem convencional, com a artificialidade cultural imposta pelos modelos estrangeiros, encarando de frente as contradições da realidade brasileira:

Os escritores atuais foram estudar o subúrbio, a fábrica, o engenho, a prisão da roça, o colégio do professor cambembe. Para isso resignaram-se a abandonar o asfalto e o café, viram de perto muita porcaria, tiveram a coragem de falar errado, como toda a gente, sem dicionário, sem gramática, sem manual de retórica. Ouviram gritar, pragas, palavões e meteram tudo nos livros que escreveram. Podiam ter mudado os gritos em suspiros, as pragas em orações. Podiam, mas acharam melhor pôr os pontos nos ii.⁷

Ainda dentro de um ponto de vista da estética realista, Graciliano reafirma a necessidade de uma literatura que revele a face suja da realidade, desagradável mas verdadeira, e na crônica 'Norte e Sul', realiza uma crítica contundente aos falsos literatos que insistem em copiar o romantismo europeu:

Os inimigos da vida torcem o nariz e fecham os olhos diante da narrativa crua, da expressão áspera. Querem que fabrique nos romances um mundo diferente deste, uma confusa humanidade só de almas, cheias de sofrimentos atrapalhados que o leitor comum não entende. Põem essas almas longe da terra, soltas no espaço. Um espiritismo literário excelente com tapeação. Não admitem as dores ordinárias, que sentimos por as encontrarmos em toda a parte, em nós e fora de nós. A miséria é incômoda. Não toquemos em monturos.⁸

Na concepção de Graciliano Ramos, esses "falsos literatos" são analfabetos letrados porque, embora saibam ler e escrever, pelo fato de serem mediocres ou simplesmente por interesses de poder, nada aprenderam sobre a realidade brasileira. A condição de perceber e interpretar o real não é privilégio do conhecimento intelectual, não se limita àqueles que tiveram acesso à cultura acadêmica. Existe uma sabedoria intuitiva, uma tradição não intelectualizada que tem uma linguagem própria para expressar e interpretar a realidade, o que pressupõe também a condição de liberdade do artista, face ao poder instituído. A discussão das relações entre a cultura popular e a cultura erudita perpassa várias crônicas de *Linhas Tortas*, a exemplo de 'Ciríaco', 'Um antepassado', entre outras. Em *Viventes das Alagoas* existem duas crônicas – 'Desafio' e 'Inácio da Catingueira e Romano' - que relatam um mesmo fato, ilustrando, de maneira exemplar, essa questão:

No interior da Paraíba viveram há mais de meio século dois cantadores famosos, ouvidos com admiração e respeito em cidades e vilas: Inácio da Catingueira, preto, e Romano, branco, de boa família, cheio de fumaças. O negro, isento de leituras, repentista por graça de Deus, exprimia-se com simplicidade, na língua comum do lugar. O branco exibia conhecimentos: andara uns meses na escola e, em razão da palmatória e dos cascudos, saíra arrumando algarismos, decifrando por alto o mistério dos jornais e das cartas. Possuía um vocabulário de que não alcançava direito a significação e lhe prejudicava certamente o estro, mas isto o elevava no conceito público. Nos torneios consideráveis reunia palavras esquisitas, de pronúncia difícil, e atrapalhava o adversário. Processo desleal.⁹

O desafio continua por mais de uma hora com Inácio esquivando-se dos golpes

de Romano e zombando do adversário. Mas ao final ele sucumbe ao poder do branco:

Por fim esgotados os recursos ordinários, Romano atirou ao negro a rasteira definitiva: a sabedoria obtida vagarosamente, inútil em geral, mas preciosa em momentos de aperto. Numa brochura roída, soletrara pedaços de mitologia, extraira daí num catálogo regular de deuses e compusera com isto algumas estrofes malucas. Netuno, Júpiter, Minerva, Plutão, Vulcano, Mercúrio, Vênus, etc... juntavam-se numa versalhada sem pé nem cabeça que arrancava imensos aplausos dos circunstantes.¹⁰

Romano é um legítimo representante da cultura dominante brasileira que prima pela inautenticidade, acostumada a copiar ou, nos termos de Graciliano, a macaquear os elementos de culturas estrangeiras. Romano exerce o poder, sem ter o poder da palavra, enquanto Inácio tem o verdadeiro poder da palavra mas não se expressa nos moldes impostos pela cultura dominante, sendo por ela derrotado. A simpatia de Graciliano se volta para a personagem de Inácio:

Inácio da Catingueira, que homem. Foi uma das figuras mais interessantes da literatura brasileira, apesar de não saber ler. Como os seus olhos brindados de negro viam as coisas. É certo que temos outros sabidos demais. Mas há uma sabedoria alambicada que nos torna ridículos.¹¹

Graciliano reconhece que são pessoas como Romano que “sempre foram os donos intelectuais do Brasil”. Em uma outra crônica, ‘Os donos da literatura’, o escritor exerce uma crítica radical aos falsos literatos que se beneficiam do poder:

Há realmente uns figurões que se tomaram, com habilidade, proprietários da literatura nacional, como poderiam ser proprietários de estabelecimentos comerciais, arranha-céus, usinas, charqueadas ou seringais. São muito importantes e formam um pequeno sindicato que representa a inteligência indígena lá fora, nos pontos em que ela precisa aparecer de casaca.¹²

Na visão de Graciliano, a cultura brasileira “veste casaca”, mascara a sua barbárie para conviver com o mundo civilizado. Na abordagem dialética da relação entre o arcaico e o moderno, os valores não se absolutizam. A referência de valor é a autenticidade que tanto o homem de letras urbano como o sertanejo do interior do Nordeste podem possuir. Em se tratando de literatura, a questão da autenticidade passa pela linguagem e sua relação com o poder. Há os que a utilizam como instrumento de dominação e se sujeitam a todo tipo de ‘macaqueação’ para atingir os seus objetivos. Mas existem também aqueles que possuem o verdadeiro poder da linguagem, como os escritores brasileiros dos anos 30 que utilizam a linguagem para libertar a cultura brasileira da imposição estéril dos modelos estrangeiros, revelando a sua verdadeira identidade. É o caso de Jorge Amado, que tem o seu romance *Suor*, comentado por Graciliano Ramos:

O Sr. Jorge Amado é um desses escritores inimigos da convenção e da metáfora, desabusados, observadores atentos. Conheceu há alguns anos, num casarão de três andares na Ladeira do Pelourinho, Bahia, e resolveu apresentar-nos os hóspedes que lá encontrou - vagabundos, ladrões, meretrizes, operários, crianças viciadas, agitadores, seres que se injuriavam em diversas línguas: árabes, judeus, italianos, espanhóis, pretos, retirantes do Ceará, etc. Até bichos. Essa forma heterogênea não se mostra por atacado na obra do romancista baiano: forma uma cadeia que principia no violinista que percorreu a França, a Alemanha, outros países, e acaba no rato que dorme junto à esteira de um mendigo. O que liga os anéis da cadeia não é o trabalho, como o título do livro, *Suor*, poderia fazer-nos supor: é a miséria, a miséria completa, nojenta, esmolambada, sem nenhuma espécie de amparo.¹³

A preferência literária de Graciliano Ramos é pelos escritores que, como ele, denunciam a profunda crise da sociedade brasileira, retirando a sua máscara. Justifica-se assim a sua grande admiração por José Lins do Rêgo, explicitada em diversas crônicas. Eis o comentário final que ele faz do romance *Pureza*, na crônica homônima:

Os primeiros romances de José Lins do Rêgo tratam da decadência econômica da família rural do Nordeste. Vemos agora a decadência moral da mesma família. *Pureza* completa admiravelmente o *Ciclo da Cana-de-Açúcar*. Pertence mais a ele que *Moleque Ricardo*, história de negros e mulatos, ótima história que poderia continuar depois que a moça branca, mais ou menos descendente de fidalgos florentinos, se enganchou com uma cabra.¹⁴

Seria um trabalho interessante, o de aprofundar a reflexão sobre o Graciliano Ramos crítico literário. Fica aqui a sugestão. Intelectual respeitado, é certo que seus comentários sobre os romancistas de 30 influíram na transformação dos padrões estéticos da época. Várias crônicas de Graciliano permitem a reconstituição da vida literária do Brasil dos anos 30 e 40. Fato curioso é o que ele revela, por exemplo, na crônica 'Conversa de bastidores'. Como um dos participantes do Júri de 1938 do concurso Humberto de Campos, da Livraria José Olímpio, Graciliano, tendo que escolher entre a obra *Maria Perigosa*, de Luís Jardim e um volume de 500 páginas de contos assinados por um tal Viator, optou pelo primeiro. Naquele momento ele não sabia que estava retardando por quase 10 anos a publicação do primeiro livro daquele que viria a ser um dos maiores escritores brasileiros: João Guimarães Rosa. O livro era *Sagarana*, publicado no Rio, em 1946, pela Editora Universal. Eis o que diz Graciliano sobre a sua decisão e sobre o seu posterior encontro com Guimarães Rosa:

Viator desapareceu sem deixar vestígio. Desgostei-me: eu desejava sinceramente vê-lo crescer, talvez convencer-me de que me havia enganado preferindo-o. Afinal os julgamentos são precário – e naquele tínhamos vacilado. Eu, pelo menos, vacilara. Às vezes assaltava-me vago remorso e perguntava a mim mesmo onde se teria escondido Viator. Em conversa

com José Olímpio, referi-me a ele. Se se cortassem alguns contos, publicar-se-ia um bom livro. E o meu amigo, com entusiasmo fácil, logo se pôs em busca do escritor misterioso, chegou a sugerir-me um artigo, espécie de anúncio. Todas as pesquisas foram inúteis.

Em fim de 1944, Ildelfonso Falcão, aqui de passagem, apresentou-me J. Guimarães Rosa, secretário de embaixada recém-chegado da Europa.

- O senhor figurou num júri que julgou um livro meu em 1930.
- Como era o seu pseudônimo?
- Viator.
- Ah! O senhor é o médico mineiro que andei procurando.

Ildelfonso Falcão ignorava que Rosa fosse médico, mineiro e literato. Fiz camaradagem rápida com o secretário de embaixada.

- Sabe que votei contra o seu livro?
- Sei, respondeu-me sem nenhum ressentimento.¹⁵

Surpreendente é a observação final que Graciliano faz sobre Guimarães Rosa, nessa crônica datada de maio de 1944. Aqui ele se redime do fato de não ter dado o primeiro prêmio ao escritor mineiro. Ele conclui a crônica afirmando:

Certamente ele fará um romance, romance que não lerei, pois, se for começado agora, estará pronto em 1956, quando os meus ossos começarem a esfarelar-se.¹⁶

Em 1956, Guimarães Rosa publicou *Grande Sertão: Veredas*. Graciliano não pôde fazer o comentário crítico dessa obra máxima da literatura brasileira. Morrera havia três anos, em janeiro de 1953, no Rio de Janeiro.

NOTAS

¹ Graciliano RAMOS. Traços a Esmo. In: *Linhas tortas*, p.53.

² Sobre o assunto, ver Alfredo BOSI, *História concisa da literatura brasileira*, p.438-439.

³ Graciliano RAMOS. op. cit., n.1, p.11.

⁴ Id., *ibid.*, p.60.

⁵ Ver Otto Maria CARPEAUX, 'Visão de Graciliano Ramos'. In: Sônia BRAYNER (org.) *Graciliano Ramos* (Fortuna crítica, v.2).

⁶ Graciliano RAMOS. 'Gibóias'. In: *Linhas Tortas*, p.179.

⁷ Graciliano RAMOS. 'O romance de Jorge Amado'. In: *Linhas Tortas*, p.94.

⁸ Graciliano RAMOS. 'Norte e Sul'. In: *Linhas Tortas*, p.142.

⁹ Graciliano RAMOS. 'Desafio'. In: *Viventes das Alagoas*, p.85.

¹⁰ Id., *ibid.*, p.87.

¹¹ Graciliano RAMOS. 'Inácio da Catingueira e Romano'. In: *Viventes das Alagoas*, p.138.

¹² Graciliano RAMOS. 'Os donos da literatura'. In: *Linhas Tortas*, p.103.

¹³ Id. nota 7, p.94-95.

¹⁴ Graciliano RAMOS. 'Pureza'. In: *Linhas Tortas*, p.149.

¹⁵ Graciliano RAMOS. 'Conversa de bastidores'. In: *Linhas Tortas*, p.268-269.

¹⁶ Id., *ibid.*, p.270.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1982.

BRAYNER, Sônia (org.) *Graciliano Ramos*. 2.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978
(Fortuna Crítica, 2).

RAMOS, Graciliano. *Linhas Tortas*. São Paulo: Martins, 1967.

_____. *Viventes das Alagoas*. São Paulo: Martins, 1969.